

Contos de enganar a morte

Ricardo Azevedo



Manual do Professor

Os índices de letramento do Brasil revelam que formar leitores é um grande desafio para o país. Incentivar o desenvolvimento de leitores que saibam ler para além do que está explícito, que consigam interpretar o texto e adequá-lo a qualquer propósito que surgir e que se posicionem criticamente diante do texto lido é possível quando a escola organiza situações variadas com as quais os alunos aprendem a enfrentar o desafio da leitura para atender a propósitos e demandas não só da ficção, como também do cotidiano.

As pesquisas apontam que a literatura pode contribuir fortemente para atingir esse grande objetivo da escola, isso porque temos nos livros literários um uso da linguagem que não é apenas pragmático, a serviço da comunicação, mas é capaz de produzir efeitos de sentidos diversos. A literatura é composta por uma linguagem que causa estranhamento, desconcerta e nos move para outros lugares e outros jeitos de pensar o mundo.

Nesse contexto, a literatura é categorizada como arte, e a sua matéria-prima, a linguagem, é explorada como pano de fundo das tramas e das questões humanas. Partindo dessa premissa, a escola deve organizar em sua rotina momentos de contato com as obras literárias e de troca entre os leitores. É na constância da prática leitora – abordada e encaminhada de diversas maneiras – que o leitor literário é formado. Para tanto, é necessário um equilíbrio entre, pelo menos, três eixos de trabalho: a leitura em voz alta, feita pelo professor; a leitura autônoma do aluno; e a leitura dividida com outros leitores. Neste último eixo, muitas modalidades de leitura podem ser consideradas, entre elas: a roda de apreciação, a roda de empréstimo de livros, o clube de leitores e as sessões simultâneas de leitura.

A diversidade de propostas de leitura literária, com objetivos e encaminhamentos diversos, contribui para o desenvolvimento de comportamentos leitores, que se referem ao que os alunos precisam aprender nas situações de leitura. Segundo Delia Lerner (2002), os comportamentos leitores esperados são:

- comentar o que está lendo com os outros;
- compartilhar a leitura;
- recomendar livros ou outras leituras que considera interessante;
- comparar o que leu com outras obras do mesmo autor ou de outros autores;

- confrontar com outros leitores as interpretações geradas por uma leitura;
- realizar a leitura de maneira a acompanhar um autor preferido;
- fazer antecipações sobre o sentido do que está lendo e tentar verificá-lo;
- reler um fragmento anterior para verificar se compreendeu, quando detecta uma incongruência.

Com o intuito de proporcionar aos alunos do 1.º ao 3.º ano do Ensino Fundamental uma experiência literária significativa, de modo que possam começar a desenvolver tais comportamentos leitores, a proposta deste Manual é a de uma leitura em voz alta e compartilhada do livro **Contos de enganar a morte**, de Ricardo Azevedo.

Um trabalho consistente de leitura de textos literários na escola possibilita desenvolver competências previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em diferentes medidas, é possível desenvolver as seguintes competências gerais (p. 9-10): valorizar as diversas manifestações artísticas e culturais (3.ª competência), ampliando o repertório cultural; utilizar diferentes linguagens (4.ª competência), melhorando a comunicação; argumentar com base em fatos, dados e informações (7.ª competência); conhecer-se, compreender-se na diversidade humana e apreciar-se (8.ª competência).

O livro **Contos de enganar a morte** consegue explorar essas quatro competências de maneira integral, principalmente por meio de duas características marcantes na obra de Ricardo Azevedo. A primeira delas é o conjunto de ilustrações, produzidas pelo próprio autor, as quais apresentam recursos marcantes da iconografia popular, sobretudo da xilogravura. Azevedo, portanto, oferece aos alunos uma ampliação do repertório cultural ao utilizar uma linguagem imagética diferente da maioria dos livros infantis. Além disso, com o seu trabalho, não incentiva apenas a leitura textual, mas também a leitura de imagens, que é uma habilidade valorizada e incentivada na BNCC – principalmente na faixa etária à qual o livro é destinado (a dos alunos do 1.º ao 3.º ano do Ensino Fundamental). Não menos importante é o trabalho de incentivo à compreensão do aluno como participante na diversidade humana, já que, ao escrever este livro, o objetivo de Azevedo foi introduzir no universo infantil um assunto que, por muito tempo, foi excluído dele: a morte, como o próprio autor relata na página 53:

É muito bom quando a criança consegue se identificar com um adulto e descobrir, surpresa: “Puxa, ele é igual a mim! Ele também fica confuso, tem medo e não sabe direito! Ele também se emociona e chora!”. Para a formação das crianças é essencial que surjam espaços de compartilhamento com os adultos.

Lamentavelmente, a vida na sociedade tecnológica e de consumo acabou, ao que parece, por expulsar a morte do universo dos vivos. Isso pode estar tendo um reflexo empobrecedor na vida das pessoas, nas famílias e nas escolas [...].

Para que todo esse trabalho dê resultados, que as competências sejam contempladas e que os alunos se tornem leitores, a figura do professor como mediador da leitura é imprescindível. Diante disso, serão apresentadas neste Manual propostas para que os professores leiam para e com os alunos e que reservem um tempo para a leitura em sala de aula, de maneira planejada e articulada com outros conteúdos escolares, abordando temas de importância para a formação humana e cidadã das crianças.

ANTES DE LER O LIVRO

Contos de enganar a morte é um livro infantil escrito e ilustrado por Ricardo Azevedo. Nascido em 1949, o paulista escreveu sua primeira história quando tinha apenas 17 anos e, desde lá, não parou, o que lhe rendeu mais de cem títulos publicados para crianças e jovens. Para ele, a literatura é, sem dúvida, uma forma de tentar compreender a vida e o mundo. Tanto que se formou Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo e dedicou-se a recolher histórias da cultura popular brasileira e a ilustrar muitas delas em seus contos. Para saber mais sobre seu trabalho, navegue em sua página da internet, disponível em: <www.ricardoazevedo.com.br> (acesso em: 6 maio 2018).

Como é comum em seu conjunto de obras, em **Contos de enganar a morte** ele traz à cena a cultura popular, mas dessa vez tratando de uma temática aparentemente sombria: a morte. Muitos podem ter receio de ler para as crianças livros que contenham histórias sobre essa temática, pois elas podem gerar medo e tristeza. A intenção da obra, entretanto, é justamente discutir a importância de introduzir esse assunto no universo infantil.

Com a experiência adquirida como pesquisador da cultura e das histórias populares, Ricardo Azevedo consegue colocar leveza nesses contos, que incentivam a reflexão de que não há escapatória, a morte nos persegue. Essa conclusão, à qual se chega no final da leitura, é introduzida de maneira sutil e repleta de humor. Ao narrar as divertidas histórias de quatro sujeitos que fazem de tudo para enganar a inevitável morte, a obra se encaixa no tema: Diversão e aventura.

Como o próprio título explicita, o gênero literário trabalhado em **Contos de enganar a morte** é o conto. Isso significa que o livro é dividido em vários textos narrativos centrados em um relato de um acontecimento real ou fictício.

Muitas vezes, em meio ao dilema do gênero conto, há a tendência de classificá-lo em uma “régua”: o conto é pequeno, em comparação à novela, que é média, e ao romance, que é grande. Nádya Batella Gotlib e diversos outros autores e teóricos – entre eles Júlio Cortázar, Machado de Assis e Norman Friedman – nos alertam, porém, que a estrutura do conto é de fato curta, mas não por conta de uma convenção métrica, e sim por causa de uma condensação da narrativa que, longe de ser em vão, tem um objetivo claro: provocar impacto no leitor.

Os contadores dos primeiros contos narravam com os gestos, a entonação, o silêncio, as feições. O contista que tem apenas a escrita como registro também precisa se valer de técnicas. Nesse sentido, a seleção minuciosa das palavras faz parte de uma engenhosa construção que, se bem elaborada, deterá o leitor até o fim. É o que pretende Ricardo Azevedo em **Contos de enganar a morte**.

Motivação para leitura/escuta

Ler o título do livro, analisar o texto e as imagens da capa pode ser o princípio de uma grande motivação para os alunos desejarem ouvir as histórias contidas na obra. A temática abordada no título e na ilustração que o acompanha costuma chamar bastante atenção das crianças.

1. Após essa introdução, pode ser interessante perguntar aos alunos: “Vocês acham que é possível enganar a morte? Se sim, quem conseguirá essa façanha?”. Permita que os alunos respondam aos questionamentos livremente.
2. Depois de ouvir as respostas dos alunos, leia para eles o texto apresentado na quarta capa, que oferece algumas pistas ao leitor. Aproveite e pergunte:
 - “O texto diz que as histórias do livro são narrativas populares recontadas por Ricardo Azevedo. Vocês sabem o que isso significa?”
 - “Conhecem outras narrativas populares? Quais?”
 - “Vocês têm medo da morte?”

A última pergunta é justamente o gancho para a leitura da apresentação, cujo título é “Você tem medo da morte?”. Leia esse texto em voz alta e, em seguida, instigue os alunos a comentar sobre as informações contidas nele, perguntando-lhes:

- “A apresentação do livro nos ajuda a entender melhor o que são as narrativas populares, não é mesmo? Após a leitura desse texto, como vocês as explicariam?”
- “Vocês acham que as histórias do livro são de dar medo? Por quê? O que faz vocês pensarem assim?”

É importante os alunos constatarem que as narrativas populares possuem diversas versões pelo fato de serem narradas oralmente e que o livro que lerão conta quatro dessas histórias. Para que elas fossem apresentadas, o autor Ricardo Azevedo teve de confrontar as suas diferentes versões e recontá-las, a seu modo, buscando recuperar a essência de cada uma.

DURANTE A LEITURA

Como o livro apresenta quatro contos, e a leitura de cada um deles deve ser seguida por momentos de apreciação. Leia em voz alta e ofereça aos alunos a possibilidade de apenas ouvirem ou de acompanharem a história com o livro em mãos. É importante que eles se sintam protagonistas da atividade.

Prepare-se com antecedência para ajustar o ritmo de sua leitura e escolher o tom adequado em passagens da história nas quais uma entonação diferente pode causar maior impacto nos leitores.

Leia cada conto na íntegra, sem pular partes ou substituir palavras por julgar de difícil compreensão dos alunos. Eles precisam ter contato com a história tal como foi escrita justamente para ampliar as possibilidades de interpretação. Explique, anteriormente, que a leitura será feita dessa maneira e que eles podem anotar as palavras que desconhecem para que, ao final, os significados sejam esclarecidos.

Antes da leitura do último conto, “A quase morte de Zé Malandro”, vale a pena convidar os alunos a anteciparem o que pode acontecer, perguntando-lhes: “Pela

experiência da leitura dos outros contos, será que Zé Malandro vai conseguir escapar da Morte?"; "O título se refere à quase morte, será que ele não morre?". Feito isso, leia o conto e retome as ideias levantadas nessas questões durante a conversa apreciativa. Dessa maneira, eles poderão avaliar as hipóteses que formularam.

DEPOIS DA LEITURA

Para o livro **Contos de enganar a morte**, em especial, é interessante que dois momentos de conversa e interpretação sejam propostos. O primeiro, ao final da leitura de cada conto, focando nos aspectos da história em questão. O segundo, após a leitura dos quatro contos, com o foco no conjunto da obra, para que os alunos sejam convidados a refletir sobre as semelhanças e diferenças entre as narrativas.

Vale ressaltar que uma conversa genuína precisa partir das impressões pessoais dos alunos e que o diálogo é a premissa do encaminhamento. Por isso, saber falar e ouvir os colegas é fundamental. Ajude os alunos a ouvir e interagir com base na fala do outro, complementando ou contradizendo o que foi afirmado. Dê um espaço para que cada um possa se colocar, respeitando a vez de todos.

A seguir, são indicados alguns questionamentos que podem ser feitos ao final de cada conto. Eles têm o objetivo de instigar a discussão sobre cada conto; por isso, o mais importante é considerar as falas dos alunos e, com base nelas, contribuir para que eles alcancem a compreensão do texto.

1. Com relação ao conto "O homem que enxergava a morte", pergunte aos alunos:
 - O homem da história era **astuto**. Vocês sabem o que isso significa? Nas atitudes do personagem, o que mostra a **astúcia** dele?
 - O homem também era muito corajoso, vocês não acham? Convidou a Morte para ser madrinha de seu filho! O que vocês acharam dessa atitude dele?
 - Além de tudo isso, o homem desafiou a Morte tentando enganá-la. Vocês acharam essa decisão sábia? Por quê?
 - A Morte também era muito esperta. Como ela vence o pai de seu afilhado?
2. Com relação ao conto "O último dia na vida do ferreiro", pergunte aos alunos:
 - No primeiro conto lido e neste, os personagens tentam negociar a vida com a Morte. Como o ferreiro conseguiu viver tanto?
 - O final do conto apresenta um certo humor. Qual a opinião de vocês sobre isso? É possível ter humor quando se trata da morte? Como o narrador consegue isso?
 - Vocês acham que a Morte sabia que o tio na verdade era o ferreiro? Ou foi ao acaso que ela tomou a decisão de levá-lo?
3. Com relação ao conto "O moço que não queria morrer", pergunte aos alunos:
 - Se vocês fossem o jovem que não queria morrer, teriam aceitado ficar com os velhos que ele foi encontrando pelo caminho? Vocês acharam esse jovem audacioso, atrevido?

- A Morte, neste conto, também foi astuta? Em que momentos da história isso aconteceu?
 - De novo, se vocês estivessem no lugar do jovem, iriam querer sair do castelo dourado?
4. Com relação ao conto “A quase morte de Zé Malandro”, pergunte aos alunos:
- Antes de saber o final da história, o que vocês pensaram sobre os pedidos que Zé Malandro fez ao viajante que tinha poderes mágicos? Vocês teriam feito esses pedidos? Será que Zé Malandro já sabia o que ia acontecer? O que vocês pensam sobre isso?
 - E no final da história, esperavam que ele não fosse morrer? O que tinham antecipado antes de ouvir o conto?
5. Depois de terminar a leitura de todo o livro, promova uma conversa apreciativa para comparar os contos e saber das impressões pessoais dos alunos em relação à obra. Pergunte-lhes:
- O que os contos deste livro têm em comum? E o que os diferenciam?
 - Vocês sentiram medo ao ouvir os contos? Por quê?
 - Gostaram do livro? Indicariam para outros colegas lerem?

Interpretação

Uma oportunidade de aprofundar a compreensão leitora dos alunos é fazer perguntas sobre os personagens, o cenário, o tempo e o lugar da trama. Tendo em mente as especificidades do gênero conto, é importante incentivá-los a se lembrar dos personagens e das ações. É também válido incentivar os alunos a localizar informações no texto e utilizá-las nas respostas, estimulando essa prática interpretativa. Localizar e inferir são habilidades de leitura que favorecem o leitor a distinguir o que está e o que não está explícito, contribuindo fortemente para ampliação das suas competências. As questões a seguir acompanham essas premissas:

- “Há características comuns entre os personagens dos contos? Quais são elas?”
- “Vocês conhecem outros contos populares parecidos com os que lemos? Quais? Em que se parecem?”

Linguagem

A linguagem utilizada por Ricardo Azevedo em seus livros é muito característica do gênero de suas histórias: os contos populares. São, portanto, expressões do cotidiano, que compõem uma escrita mais informal. Para explorar essa marca do texto, a proposta de trabalho com a linguagem do autor é chamar a atenção dos alunos para certos traços da oralidade presentes na narrativa e também para expressões típicas da linguagem informal, analisando o efeito de sentido produzido.

Além disso, sugere-se explorar, em especial, as expressões utilizadas para referir-se à morte dos personagens. Em nenhum momento está escrito, de maneira explícita, que um personagem morreu. Para dar essa notícia ao leitor, são utilizadas metáforas, a maioria conhecida, por exemplo, “abotoar o paletó”.

1. Retome os três primeiros contos do livro, em especial a parte final das histórias, e pergunte aos alunos:

- Como o narrador indica a morte dos personagens em cada conto?
- O que vocês acham dessas expressões? Já as ouviram alguma vez?
- Vocês teriam outro jeito de dizer?

É esperado que os alunos identifiquem que no conto “O homem que enxergava a morte”, o narrador retoma a explicação que a Morte dá ao médico sobre cada vela significar uma vida: “Naquele exato instante, uma vela pequena, num lugar desconhecido e estranho, estremeceu e ficou sem luz” (p. 17). No conto “O último dia na vida do ferreiro”, o narrador anuncia “[...] o velho ferreiro teve seu último dia de vida” (p. 28). No conto “O moço que não queria morrer”, a morte do jovem viajante é precedida pela escuridão que toma conta de tudo.

2. A palavra **morte** é grafada, em todo o livro, com a letra inicial maiúscula. Pergunte aos alunos o motivo dessa escolha do autor. Espera-se que eles percebam que a Morte, nos quatro contos, é uma personagem, que faz parte da história, tem falas, ações e, algumas vezes, até mesmo sentimentos, como a gratidão. Por conta disso, a palavra é grafada com inicial maiúscula, como em um nome próprio.

3. Leia os trechos a seguir e incentive os alunos a discutir o sentido de cada expressão destacada.

a) “[...] Assim que entrou no quarto da menina enxergou, parada ao pé da cama, a figura sombria e invisível da Morte, **pronta para dar o bote.**” (p. 13). *Espera-se que os alunos percebam que a morte estava pronta para levar a menina, ou seja, a menina estava prestes a morrer.*

b) “— Mas então **minha vida está por um fio!**” (p. 15). *É esperado que os alunos compreendam que a expressão quer dizer: “Mas então eu estou quase morrendo!”.*

c) “**A Morte falava macio**” (p. 19). *Espera-se que os alunos respondam que a Morte era delicada.*

4. Leia o trecho a seguir:

“O moço puxou assunto com o recém-chegado. Conversa vai, conversa vem, descobriu que aquele vulto era a Morte!” (p. 30)

Em seguida, pergunte aos alunos em qual parte do trecho é possível perceber o uso da linguagem coloquial. Espera-se que eles identifiquem a coloquialidade na expressão “Conversa vai, conversa vem”.

5. Em cada trecho a seguir, peça aos alunos que expliquem qual a intenção de repetir as palavras continuamente.

- a) **“Andou, andou, andou.** Andava e perguntava para todos que encontrava. Ninguém nunca tinha ouvido falar no tal lugar. Alguns até davam risada. Outros balançavam a cabeça sem querer acreditar” (p. 32). Espera-se que os alunos reconheçam a intenção de mostrar que o personagem andou bastante.
- b) “Zé Malandro era boa pessoa, mas malandro que nem ele só. Em vez de trabalhar como todo mundo, preferia passar a vida zanzando e jogando baralho. Ou então ficava deitado na rede, folgado, tocando viola de papo para o ar. Por causa disso era **pobre, pobre, pobre**” (p. 41). Espera-se que os alunos reconheçam a intenção de mostrar que Zé Malandro era muito pobre.

Incentive os alunos a notar que nas duas situações, portanto, a repetição das palavras é aplicada para enfatizar uma condição.

Bate-papo e pesquisa

Após a leitura do livro e as discussões suscitadas a respeito dele, instigue o interesse dos alunos de conhecer mais a vida e a obra de Ricardo Azevedo. Seu *site* apresenta a sua biografia, os livros que publicou, algumas ilustrações feitas por ele e estudos realizados em torno da literatura.

A navegação pelo *site*, além de possibilitar saber mais sobre o autor, permite entrar em contato com ele, enviando uma mensagem. Nesse caso, combine com os alunos o que gostariam de saber sobre Ricardo Azevedo ou sobre **Contos de enganar a morte** e elaborem juntos um texto para enviar.

Outra possibilidade é antecipar algumas perguntas que os alunos gostariam de saber sobre o autor e suas obras e promover a busca dessas informações no *site*. Nesse caso, após a pesquisa é importante registrar as respostas das perguntas levantadas e compartilhar as descobertas entre a turma toda.

Produção de texto

A proposta de produção textual tem como objetivo ampliar as possibilidades de discussão acerca do livro **Contos de enganar a morte**.

Proponha aos alunos a produção de uma indicação literária para outros colegas da escola. Retome com eles a finalidade desse texto e leia exemplos, como críticas ou resenhas, a fim de ampliar o repertório deles em relação ao tipo de texto solicitado. Defina também para quem o livro será indicado (alunos do 1.º ao 3.º ano do Ensino Fundamental), explicando que saber o destinatário é importante para adequação da escrita.

A proposta é que a produção seja feita em duplas; por isso organize previamente os alunos. Para as turmas cujos alunos ainda não sabem escrever, faça uma resenha coletiva, elaborada por toda a turma e redigida por você.

Comece pedindo aos alunos que pensem juntos os motivos pelos quais o livro merece ser indicado: o que a obra tem de melhor e o que mais chamou a atenção deles. Esses destaques devem ser escritos em forma de lista, pois constituem o planejamento do texto, o qual será usado no momento da produção.

Com a lista de motivos para indicar o livro, proponha a escrita da indicação. Chame a atenção dos alunos para o objetivo do texto, que é o de persuadir os colegas a ler o livro.

Com o texto produzido, leia cada um e verifique se estão adequados à proposta. É possível também analisar se o que contam do livro é suficiente para despertar o interesse do leitor. Avalie também a linguagem, se tem marcas de oralidade, palavras repetidas ou informações confusas. Com base nessa análise, selecione um ou dois critérios por vez e proponha a revisão. Esse é um momento de muita aprendizagem, já que o aluno tem a oportunidade de pensar sobre os problemas do seu texto e solucioná-los.

Se houver sala e professor de Informática na escola, peça ao professor que auxilie os alunos a digitar a versão final do texto.

Fazendo arte

A atividade desta seção se relaciona com a proposta de produção textual e as ilustrações do livro. A ideia é que os alunos façam uma ilustração para acompanhar a indicação literária produzida na seção Produção de texto.

É interessante que a técnica para ilustrar seja próxima às utilizadas pelo autor Ricardo Azevedo. Para isso, peça o auxílio do professor de Arte; releia com os alunos a página 5 da apresentação e retome cada ilustração do livro. Procure guiar a leitura que eles fazem das imagens com o objetivo de indicar a relação de cores, formatos, traços, perspectivas, entre outros.

Após a leitura das imagens, peça aos alunos que criem uma ilustração sobre algo que consideraram marcante num dos contos do livro. Em seguida, promova uma roda de apreciação das imagens produzidas e utilize-as para compor a indicação literária que eles escreveram.

Para finalizar, proponha aos alunos que decidam onde as indicações devem ser expostas para que tanto os destinatários quanto a comunidade escolar vejam o trabalho desenvolvido.

Para saber mais

Existe um conto popular japonês bastante conhecido chamado “Urashima Taro”, que é uma história contada de geração em geração, assim como as recontadas por Ricardo Azevedo. Além da semelhança do gênero, há episódios neste conto que se assemelham aos de “O moço que não queria morrer”, pois o personagem principal vive em um reino no qual o tempo não passa, contrapondo-se o tempo real.

O conto está disponível na internet. Procure ler essa história com os alunos e compará-la com a de Ricardo Azevedo. A princípio, converse com eles sobre as impressões a respeito do conto japonês para, só depois, discutir e analisar as semelhanças e diferenças entre os dois contos em questão.

Contar o conto

Além da produção textual e imagética da indicação literária, pode ser bastante oportuna uma apresentação, isto é, uma leitura em voz alta de um dos contos do livro para o destinatário escolhido. Para isso, divida a turma em quartetos e peça a eles que escolham, entre os contos, aquele que mais apreciaram. Em seguida, com a ajuda do professor de Arte, oriente cada grupo na divisão do conto em partes para que cada um consiga ler um trecho. A divisão precisa ser coerente com os parágrafos ou falas dos personagens, de modo que haja um equilíbrio entre a leitura de cada um e não haja ruptura em determinadas passagens, dificultando o entendimento de quem está ouvindo a história.

Depois de definir os trechos, oriente que façam uma primeira leitura, respeitando a divisão feita, para verificar se está coerente ou se é necessário modificar algo. Proponha, em seguida, que comecem a treinar a leitura em voz alta, pensando no ritmo e na entonação de cada passagem. Retome com eles a trajetória do gênero conto que, em seu início, era narrado oralmente. Explique como a entonação, os gestos, etc. eram importantes nessa prática. É interessante que eles percebam a semelhança da maneira de contar o conto no passado e a atividade de leitura que realizarão.

O respeito nesta atividade é fundamental; por isso incentive todos a fazer comentários positivos sobre a leitura dos colegas e a indicar trechos que precisam ser melhorados. Dê mais um tempo para treinarem e determine a data da apresentação.

Para as turmas que ainda não leem, o auxílio do professor de Arte é imprescindível nesta atividade interdisciplinar. Sugere-se, nesses casos, treinar os alunos para que realizem uma apresentação teatral. A fim de não sobrecarregá-los, escolham apenas um texto para apresentar. Oriente cada aluno a decorar uma frase ou um trecho, com entonação e volume de voz adequados. Ensaie com eles a leitura como se fosse um jogral. Dê-lhes um tempo para treinar e determine a data da apresentação.

Referências bibliográficas

ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC) Versão Final*. Brasília: DF, 2017.

CHAMBERS, Aindan. *Conversaciones. Escritos sobre la literatura y los niños*. México: FCE, 2008. Cap. "Hachas para surfar mares helados".

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros. A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2005.

_____. *Siete llaves para valorar las historias infantiles*. Madri: Fundación Germán Sanchez Ruipérez, 2002.

FONSECA, Edi. *Interações: com olhos de ler*. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção InterAções).

GOTLIB, Nádya Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios).

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.